

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/341213713>

O conceito de "Fascismo" em Primo Levi

Article · May 2020

CITATIONS

0

READS

186

1 author:



Douglas Antônio Fedel Zorzo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

14 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

O conceito de “Fascismo” em Primo Levi

The concept of “Fascism” in Primo Levi

Douglas Antônio Fedel Zorzo

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

douglasfedel@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9342309705682266>

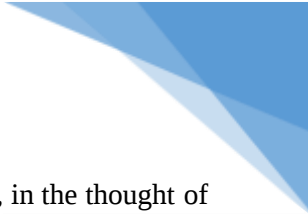
Resumo

Os escritos de Primo Levi representam um importante marco para a literatura que se dedicou a narrar a experiência do Nazi-Fascismo. Prisioneiro em Auschwitz-Birkenau, o judeu de Turim construiu, com seus testemunhos, uma notável imagética sobre a operação do Fascismo. No final, tanto sua vida quanto sua produção literária seriam assinaladas pela constante remissão aos desdobramentos dessa forma de governo. É justamente enquanto escritor e descritor daquela brutal realidade, como intérprete daqueles eventos, que realizamos uma incursão em seu pensamento. Diante da importância desse conceito para sua biografia e bibliografia, o objetivo do presente texto é o de buscar reconstruir uma definição para o Fascismo, enquanto regime político, na reflexão do autor, determinando a importância e a amplitude dessa noção. Para isso, dividimos nossa exposição em dois momentos. No primeiro, nosso intuito será o de propor uma definição de Fascismo, no trabalho de Levi, como forma de governo que dilacera a igualdade de direitos entre os indivíduos. No segundo, buscaremos apontar para a importância teórica e concreta da compreensão desse conceito, sobretudo como alerta para a constante vigilância das ordens democráticas.

Palavras-chave: Primo Levi. Fascismo. Literatura e Filosofia política.

Abstract

Primo Levi's writings represent an important milestone for the literature devoted to narrating the experience of Nazi-Fascism. As prisoner in Auschwitz-Birkenau, the Jew of Turin built with his testimonies a remarkable picture of the operation of Fascism. In the end, both his life and his literary production would be marked by the constant remission of the effects of this form of government. It is precisely as a writer and descriptor of that brutal reality, as an interpreter of those events, that we enter into his thinking. Given the importance of this concept for his biography and bibliography, the objective



of this text is to seek to reconstruct a definition for the Fascism, as a political regime, in the thought of this author, indicating the importance and magnitude of this notion. For this, we divided our exposure into two moments. In the first, our aim will be to propose a definition of Fascism, in Levi's work, as a form of government that lacerate equality of rights between individuals. In the second, we will try to point to the theoretical and concrete importance of understanding this concept, especially as a warning to the constant vigilance of democratic orders.

Keywords: Primo Levi. Fascism. Literature and Political Philosophy.

1. Introdução

Os escritos de Primo Levi representam um importante marco para o gênero literário que se dedicou a narrar a experiência do Nazi-Fascismo, sobretudo aquele proveniente dos campos de concentração e de extermínio. Expoente da literatura de testemunho¹, o escritor construiu uma significativa imagética sobre a operação e o funcionamento do Fascismo. No final, tanto sua vida quanto seu trabalho seriam assinalados pela constante remissão aos desdobramentos desse regime que foi “a grande inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos” (PAXTON, 2007, p. 13).

Nascido em Turim, em 1919, filho de judeus piemonteses, Levi assistiu ao alvorecer e ao espriar-se do governo fascista, capitaneado por Benito Mussolini, pela península. Em 1943, com a invasão da Itália pela máquina de guerra nazista², o jovem, recém-formado em Química, fugiu para o vale da Aosta, onde manteve contato com os grupos antifascistas que organizavam a Resistência italiana³. O engajamento é breve. Pouco depois, é capturado durante uma incursão das milícias fascistas. Ao invés de declarar-se tão somente *partigiano*, Levi confessa ser judeu. Por isso, em fevereiro de 1944, é enviado, com outros 650 conterrâneos, para o campo de

¹ Sobre a literatura de testemunho, podemos situar escritos como o célebre *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (Trad. de Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015); de Chil Rajchman, *Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)* (Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009); ou, ainda, os relatos de Schlomo Venezia, em *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (Trad. de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010).

² Conforme elucida Levi (2015c, p. 151), em “setembro de 1943, as coisas pioraram subitamente quando o norte da Itália foi ocupado pelas tropas alemãs. Em todas as cidades italianas desencadeara-se uma verdadeira caça ao homem: grupos de policiais, alemães e infelizmente italianos também, vasculhavam os refúgios onde se haviam escondido os judeus que não conseguiram fugir, muitas vezes seguindo denúncias feitas por dinheiro. Dos 35 mil judeus presentes na Itália, encontraram 8 mil, e eram justamente os mais indefesos e necessitados, os pobres, os doentes, os idosos desprovidos de assistência. Nisso, realmente, a perseguição nazista foi de uma ferocidade sem precedentes: nesse massacre geral absurdo, que não recuava nem diante de moribundos e crianças”.

³ Como o *Partito d'Azione* (Pd'A) e o *Comitato di Liberazione Nazionale* (CLN). Sobre a história desses grupos de resistência, em língua italiana, cf. BOCCA, Giorgio. *Storia dell'Italia partigiana: settembre 1943 – maggio 1945*. Milano: Feltrinelli, 2012.



concentração de Auschwitz, na Polônia. Ali, selecionado como trabalhador, diferente de grande parte do comboio, que é enviada para as câmaras de gás, ingressa no campo de Buna-Monowitz – situação a qual sobreviveu “graças a uma combinação de circunstâncias providenciais” (LEVI, 2015e, p. 98) –, permanecendo até fevereiro de 1945, quando o complexo é libertado pelo exército soviético.

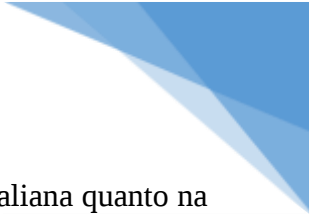
Imediatamente após o retorno de Auschwitz – que seria posteriormente narrado em *A trégua*, uma quase epopeia –, Levi dá vazão às experiências do *Lager* através da escrita, aportando na categoria de escritor “porque fui capturado como *partisan* e terminei num campo de concentração como judeu” (LEVI, 2014e, p. 169): assim, testemunha sobre as condições hediondas que os prisioneiros estavam submetidos nos campos de concentração nazistas, os *Lager*. A necessidade de estabelecer um testemunho ganharia forma em *É isto um homem*, sua primeira obra, onde narra a rotina de Auschwitz, mas é algo que o persegue em toda a atividade literária que desenvolveria até sua morte, em 1987.

Assim, é justamente enquanto testemunha ocular, como [d]escritor daquela brutal realidade, e como intérprete agudo dos eventos que redefiniram o curso da humanidade, que nos debruçamos sobre seus relatos. Diante da importância desempenhada pelo Fascismo para sua bi[bli]ografia, o objetivo do presente artigo é o de buscar reconstruir, em seu pensamento, uma definição, como termo impregnado de reverberações filosóficas, para esse modo de governo, sobretudo em suas implicações de natureza políticas. A partir disso, tentaremos balizar a importância, por Levi alegada, de compreendermos adequadamente a amplitude e as repercussões desse conceito.

Para tanto, dividimos nossa exposição em dois momentos. No primeiro, nosso intuito é o de extrair um significado para o Fascismo no interior da reflexão que Levi apresenta sobre aqueles eventos que o transformaram em um literato da *Shoah*⁴, servindo-nos, especialmente, de seus depoimentos, artigos e ensaios. No segundo, buscaremos apontar para a importância, não apenas teórica, mas também histórica e prática, da compreensão desse conceito sob a perspectiva do autor.

2. Primo Levi e a definição para o Fascismo

⁴ Para aludir aos episódios de extermínio do povo judeu no curso da Segunda Guerra Mundial, recorremos ao termo “*Shoah*”, de origem hebraica, que remete à “devastação” ou “catástrofe”. Sobre o problema da terminologia utilizada para referir-se àqueles fatos, cf. DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2007.



As implicações do Fascismo, em duas de suas faces, tanto na versão italiana quanto na apropriação que a Alemanha faria da estrutura ideológica do Estado total, marcaram profundamente Levi. Na verdade, estaríamos diante de uma linha que cadencia todos esses episódios. Como reconhece, a “história da deportação e dos campos de extermínio [...] não pode ser separada da história das tiranias fascistas da Europa”. Entre os primeiros incêndios das Câmaras de Trabalho na Itália, em 1921, passando pelas fogueiras de livros nas praças da Alemanha, em 1933, até chegarmos na “chama nefanda dos crematórios de Birkenau há um nexos ininterrupto” – que poderia ser resumido na sentença de Heinrich Heine, judeu alemão: “quem queima livros acaba queimando gente, a violência é uma semente que não se extingue” (LEVI, 2014c, p. 119).

É no papel de sobrevivente da *Shoah* que Levi delega para si a responsabilidade de narrar os horrores e a realidade daquilo que, para o leitor despreparado, poderia soar como uma elaborada ficção. Para o escritor, o testemunho literário era materializado por uma espécie de obrigação, cujo objetivo não se encerrava no puro trabalho testemunhal, mas, ia além: por um lado, “é um *dever* para com os companheiros que não voltaram”, por outro, “é uma tarefa que confere sentido à nossa existência” (LEVI, 2015d, p. 135-136, grifo nosso). Conforme explica, “ao voltar trouxe comigo esse impulso primordial e violento de contar”, por dois motivos: primeiro, “porque o que vira e vivera pesava muito, e eu sentia urgência em me livrar daquilo”; segundo, “para atender ao dever moral, civil e político de dar testemunho” (LEVI, 2014e, p. 170).

Em outras palavras, sua obra não apenas cumpriria a função de descrever ao mundo aquilo que o próprio mundo jamais seria capaz de imaginar, mesmo nas distopias mais perturbadoras⁵. Mas, era um apelo compulsório expor as consequências daquele regime, tanto para que as vítimas não caíssem no esquecimento, quanto para que a dor daqueles acontecimentos pudesse servir como alerta:

[...] se morrermos aqui em silêncio, [...] o mundo não saberá do que o homem foi capaz, do que ainda é capaz: o mundo não se conhecerá a si mesmo, estará mais exposto à repetição da barbárie nacional-socialista ou a qualquer outra barbárie

⁵ Nas linhas inaugurais de *Os afogados e os sobreviventes*, Levi (2016, p. 7) introduz os termos dessa situação: “As primeiras notícias sobre os campos de extermínio nazistas começaram a difundir-se no ano crucial de 1942. Eram notícias vagas, mas convergentes entre si: delineavam um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas que o público tendia a rejeitá-las em razão de seu próprio absurdo”. Curiosamente, reitera, “esse mesmo pensamento (“mesmo que contarmos, não nos acreditarão”) brotava, sob a forma de sonho noturno, do desespero dos prisioneiros”.



equivalente, seja qual for sua matriz política efetiva ou declarada (LEVI, 2014f, p. 162).

De acordo com Levi, portanto, “a nós coube (não por virtude nossa) viver uma experiência fundamental e aprender algumas coisas sobre o Homem que consideramos *necessário* divulgar” (2015d, p. 135-136, grifo nosso).

É nesse movimento de impulso ao relato obrigatório que podemos identificar uma definição para o Fascismo como modo de organização política. Ziguezagueando pela Filosofia, pelo Direito e pela Ciência Política, o escritor afirma que, no final, os campos de concentração possibilitaram que os sobreviventes compreendessem que, apesar da existência de “leis e tribunais milenares”, o aparato institucional dos Estados, o homem ainda se apresentava como um “dominador”. Enquanto “muitos sistemas sociais se propõem a refrear esse impulso de iniquidade e arbitrariedade”, outros, ao contrário, “louvam-no, legalizam-no, apontam-no como último fim político” (2015d, p. 136).

São esses sistemas, opositores da equidade e do império da lei, que podem ser considerados, “sem forçar o termo, fascistas”. “Conhecemos”, admite, “outras definições do Fascismo, mas parece-nos mais exato e condizente com *nossa experiência* específica definir como fascista *todos os regimes*, e apenas eles, que negam *na teoria ou na prática*, a fundamental *igualdade de direitos* entre os seres humanos” (2015d, p. 136, grifos nossos). Ou seja, o Fascismo, ao invés de mitigar e controlar, por meio de recursos fundados na lei, a inclinação que os homens possuem para exercer o domínio sobre outros homens, promove e incentiva essa característica. Diante do Estado e pelas mãos do Estado, o princípio de igualdade entre os indivíduos é dissolvido. Como os direitos se tornam privilégio exclusivo de uma categoria, a equidade é estraçalhada.

Todavia, prossegue Levi, como o “indivíduo ou a classe cujos direitos são negados raramente se adapta, num regime fascista *torna-se necessária a violência ou a fraude*”. Enquanto a violência opera para “eliminar os opositores, que sempre existem”, a fraude confirma “aos fiéis seguidores que o exercício da arbitrariedade é louvável e legítimo”, também “para convencer os dominados (dentro dos limites bastante amplos da credulidade humana) que seu sacrifício não é um sacrifício, ou que é essencial para algum propósito indefinido e transcendente” (2015d, p. 136, grifos nossos).

Nesse sentido, o predomínio do uso da fraude ou da violência, na consolidação e no enraizamento do Fascismo como prática governamental, é o fator que permite diferenciar, em



alguma extensão, os regimes daquele continente fascistizado. Por um lado, o projeto italiano, “o primeiro na Europa e sob muitos aspectos pioneiro”⁶, faz questão de notar Levi, “tendo como base originária uma repressão relativamente sem derramamento de sangue, erigiu um edifício colossal de mistificação e fraude”. Por outro, o nacional-socialismo, “enriquecido pela experiência italiana, alimentado por fermentos bárbaros distantes e catalisado pela personalidade vil de Adolf Hitler, apostou na violência desde o início”, redescobrimdo no campo de concentração “um *instrumentum regni* com o potencial terrorista desejado, e seguiu por essa via com incrível rapidez e coerência” (LEVI, 2015d, p. 136-137).

Nisso, o Nazismo, recorrendo de maneira despuorada à violência para a eliminação de sua vasta concepção de “inimigo”, operaria como uma espécie de “evolução” do Fascismo italiano⁷. No imaginário nazista, a lógica para o uso desse instrumental não é rebuscada: o “estrangeiro é um inimigo, e todo inimigo deve ser suprimido; qualquer um que seja visto como diferente, por língua, religião, costumes e ideias é estrangeiro” (LEVI, 2015a, p. 131). Por isso, os *Lager*, “moinhos de ossos”, “máquinas de extermínio na escala de milhões” (LEVI, 2015d, p. 137), poderiam ser concebidos como o “ápice, o coroamento do fascismo na Europa, a sua manifestação mais monstruosa” (LEVI, 1976, p. 233, tradução nossa).

Dessa forma, sob a ótica de Levi, o principal aspecto do Fascismo é apresentado em sua roupagem mais elementar. A negação da igualdade entre os indivíduos opera como elemento estruturante a partir do qual sua orgânica política se desdobra. Fascista, portanto, é o governo onde a importância da vida humana possui um valor arbitrário. Ao recusar que os direitos e as leis possam ter o mesmo significado para os habitantes de um mesmo Estado, parte da sociedade é radicalmente marginalizada. Aqui, a fraude e a violência legitimam e efetivam o anteparo que demarca a fronteira entre os portadores de direitos e os que caem no vazio protetivo das estruturas estatais. Agora, o conjunto de “estrangeiros”, concebidos como párias, coloca em movimento e alimenta a maquinaria fascista.

3. A importância da definição do Fascismo

⁶ “É triste, mas obrigatório lembrar aos outros e a nós mesmos: a primeira experiência europeia de asfixia do movimento operário e de sabotagem da democracia nasceu na Itália” (LEVI, 2014c, p. 119).

⁷ O termo “evolução” é de Levi. Ao refletir sobre a questão do trabalho no Fascismo, o autor afirma que a vontade de desfrutar do trabalho alheio, alicerça desses regimes, “já se mostra clara no aspecto antioperário que o fascismo italiano assumiu desde os primeiros anos e foi se afirmando com precisão cada vez maior na *evolução do fascismo* em sua versão alemã” (LEVI, 2014a, p. 12, grifo nosso).



Ora, e qual seria a importância de compreendermos o Fascismo a partir dessa perspectiva?

Em primeiro lugar, ressurgiu, então, a urgência de relatar, de narrar o *modus operandi* daquela forma de governo. Pois, explica o Levi, quando qualquer esperança de salvação parecia envolta por um “ar de insanidade”, quando a “presença contínua da morte” já havia eliminado “qualquer familiaridade com a vida”, erguia-se “uma advertência solene e imperiosa”: “lutar para sobreviver, pois era indispensável que pelo menos um entre tantos ainda estivesse vivo no infalível dia da libertação, para gastar suas últimas forças numa missão que justificasse o sacrifício dos demais”, isto é, para

[...] levar ao mundo a consciência do horror de uma ideologia que negava a igualdade e a paridade de direitos entre os homens, de um método que desprezava as exigências primordiais da civilização cristã, aniquilando a dignidade do Homem e ameaçando estender a escravidão do campo de extermínio por todo o mundo (2015f, p. 143).

Em segundo, o escritor lança um alerta incômodo, que opera, na realidade, como uma espécie de justificativa, mesmo que desnecessária, para a literatura de testemunho que encabeça. Após a derrocada do Nazi-Fascismo, muitos, em uma “ingênua ilusão”, consideraram que aquele regime havia sido sepultado de uma vez por todas. Porém, o Fascismo “estava bem longe de estar morto”, mas estava somente “escondido, encubado”, metamorfoseando-se para “reaparecer com uma roupa nova, um pouco menos reconhecível, um pouco mais respeitável, mais adequada ao novo mundo que havia saído da catástrofe da segunda guerra mundial que o próprio Fascismo havia provocado” (LEVI, 1976, p. 222-223, tradução nossa)⁸.

Para o autor, a relevância de apreendermos o significado dessa forma de organização política é porque “cada época tem seu Fascismo”. Dele, podemos notar “seus sinais premonitórios” onde quer que “a concentração de poder negue ao cidadão a possibilidade e a capacidade de expressar e realizar sua vontade”. A esse quadro pode-se chegar de diversos modos,

[...] não necessariamente com o terror da intimidação policial, mas também negando ou distorcendo informações, corrompendo a justiça, paralisando a educação, divulgando de muitas maneiras sutis a saudade de um mundo no qual a ordem reinava soberana e a segurança dos poucos privilegiados se baseava no trabalho forçado e no silêncio forçado da maioria (LEVI, 2014b, p. 56).

⁸ De fato, elucida Levi, era um “sonho ingênuo, mas todos o tivemos: nossa experiência nos teria parecido sem o menor sentido, portanto ainda mais cruel, a morte de nossos companheiros teria parecido mais injusta se pudessemos prever que aquele Fascismo que havíamos combatido, que nos reduzira a escravos, que nos marcara como gado, estava derrotado, mas não morto, e se transplantaria de país em país” (LEVI, 2014b, p. 53).



Por isso, é necessário “desconfiar de quem procura nos convencer com instrumentos diversos que a razão”, ou seja, devemos duvidar “dos líderes carismáticos”. É nesse sentido que “devemos ser cautelosos em delegar a outros o nosso juízo e a nossa vontade”. Porém, “como é difícil distinguir os profetas verdadeiros dos falsos”, a melhor alternativa é “duvidar de todos os profetas; é melhor renunciar às verdades reveladas, mesmo que nos exaltem com sua simplicidade e esplendor, mesmo se as consideremos cômodas, porque são adquiridas gratuitamente”. Seria mais conveniente contentar-se com outras verdades “mais modestas e menos entusiasmantes, aquelas que são conquistadas penosamente, pouco a pouco, sem atalhos, com o estudo, a discussão e o pensamento, e que podem ser verificadas e demonstradas” (LEVI, 1976, p. 245, tradução nossa).

Em resumo, a observância cuidadosa e cautelosa dos ambientes político-sociais é importante, pois, como pinça de Bertolt Brecht, “o útero que pariu esse monstro ainda é fértil” (2014d, p. 51). Nesse caso, “quem pode se dizer seguro de estar imune à infecção?” (2015b, p. 67). Como o “Fascismo é um câncer que prolifera rapidamente, e seu retorno nos ameaça. É pedir demais que nos oponhamos a ele desde o início?” (2015d, p. 138).

4. Considerações finais

A peculiar definição de Fascismo que Levi nos apresenta e que pulsa por trás de todas as suas obras literárias aparece ancorada em sua angustiante experiência pessoal. Peculiar, pois essa vivência em primeira pessoa o afasta das complexas análises acadêmicas, dos estudos puramente analíticos, pensados em uma tranquilidade situacional que só é possível graças ao afastamento histórico dos eventos que a proporcionaram. Ao contrário, quando fala do regime fascista, a ele se reporta com a autoridade desconcertante de quem suportou, na própria carne, as marcas de uma ideologia política que havia transformado a existência dos prisioneiros em um tormento excruciante.

Todavia, seu posicionamento não deve ser encarado como desleixo conceitual ou negligência crítica. Se, para os grandes estudiosos dessa temática, como Emilio Gentile, ao qual a atribuição de “fascista” deveria se encaixar em uma intrincada mescla de atribuições organizativas, culturais e institucionais⁹, ou para Robert Paxton, ao qual “fascista” seria aquele

⁹ Para Gentile (2005, p. 84-86, tradução nossa), uma definição adequada para o Fascismo deveria observar uma correlação entre três fatores. [a] A *dimensão organizativa*, que refere-se à composição social, a estrutura associativa, o estilo de vida e os métodos de luta do partido. O Fascismo seria um movimento de massa, com agregação interclassista, mas que, nos quadros de dirigentes e no grosso dos militantes, seria formado por jovens, novos na atividade política, advindos das classes médias. Esses indivíduos julgam-se investidos de uma missão de



que cumprisse uma rigorosa série de características específicas¹⁰, a liberdade da proposição de Levi é acompanhada pela familiaridade perturbadora com a barbárie e por sua urgência: basta que a noção de igualdade entre os indivíduos seja afetada, independentemente da fonte da ameaça, para que as sementes plantadas pelo Fascismo comecem a germinar.

Desse indicativo frágil para seu despertar, surge a aterradora lição de que os Estados devem estar em permanente vigilância ao respeito dos seres humanos. Ou seja, a igualdade não pode ser considerada como algo garantido, assegurado em definitivo pelas ordenações democráticas, porque também elas estão sob constante ameaça. Disso, surge o pressuposto de que o antifascismo é, necessariamente, uma implicação da cidadania democrática. Ser antifascista, sob a perspectiva do escritor, não é facultativo àqueles que vivem em um ambiente democrático. Antifascismo e cidadania, enfim, se tornam sinônimos políticos.

5. Referências

GENTILE, Emilio. *Fascismo: Storia e Interpretazione*. Bari: Editora Laterza, 2005.

regeneração social, considerando-se em um estado de guerra contra os adversários políticos, e miram conquista o monopólio do poder político, servindo-se do terror e da tática militar para criar um novo regime, destruindo a democracia parlamentar. [b] A *dimensão cultural*, que refere-se ao modo de conceber o homem, as massas e a política. Isto é, à ideologia e ao seu sistema de valores e de fins. Uma cultura que é fundada sobre o pensamento mítico e sobre o sentimento trágico da vida, que é concebida como vontade de potência, sobre o mito da juventude como artífice da história, e sobre a militarização da vida política como modelo de vida e organização coletiva. Possui uma ideologia que se autoproclama antiideológica e pragmática: antimaterialista, antiindividualista, antiliberal, antidemocrática, antimarxista, tendencialmente populista e anticapitalista. Fundam-se sobre uma concepção totalitária do primado da política, para realizar a fusão do indivíduo e das massas na unidade orgânica e mística da nação, adotando, para isso, medidas de discriminação e de perseguição contra aqueles que são considerados fora dessa comunidade, porque são inimigos do regime ou porque pertencem a raças consideradas inferiores ou perigosas à ação. Defendem uma ética civil fundada sobre a subordinação absoluta do cidadão ao Estado, com a dedicação total do indivíduo à comunidade nacional. [c] A *dimensão institucional*, que refere-se ao complexo das estruturas e das relações que constituem o regime fascista em seus aspectos peculiares. Em primeiro lugar, um aparato de polícia que previne, controla e reprime. Em segundo, um partido único, que tem a função de assegurar, através de uma milícia própria, a defesa armada do regime. Em terceiro, um sistema político, fundado sobre a simbiose entre partido e Estado, encarnada na figura do “líder”, investido de sacralidade carismática, que comanda, dirige e coordena as atividades do partido, do regime e do Estado. Em quarto, uma organização corporativa da economia, que suprime a liberdade sindical e amplia a esfera de intervenção do Estado, mas preserva a propriedade privada e a divisão das classes. Em quinto, uma política externa inspirada pela busca de potência e de grandeza nacional, com objetivos de expansão imperialista.

¹⁰ Para Paxton (2007, p. 360-361), por sua vez, o Fascismo deve ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma “preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular, formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza”.



LEVI, Primo. “Arbeit Macht Frei”. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014a, p. 11-13.

_____. “Um passado que acreditávamos não mais voltar”. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014b, p. 53-56.

_____. A Europa dos campos de concentração. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a, p. 131-134.

_____. Aniversário. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015b, p. 65-67.

_____. Ao visitante. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014c, p. 119-121.

_____. Aos jovens. Prefácio a *É isto um homem?*. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014d, p. 49-51.

_____. Aquele trem para Auschwitz. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015c, p. 150-153.

_____. Assim foi Auschwitz. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015d, p. 135-138.

_____. Deportação e extermínio dos judeus. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015e, p. 92-100.

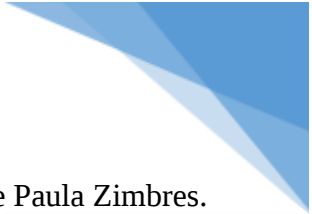
_____. Deportados políticos. In: LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos* (1945-1986). Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015f, p. 139-143.

_____. O escritor não escritor. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014e, p. 169-175.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016.

_____. Prefácio a *La vita offesa*. In: LEVI, Primo. *A assimetria e a vida: artigos e ensaios* (1955-1987). Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2014e, p. 159-162.

_____. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 1976.



PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Recebido: 31-12-2019

Aceito: 17-04-2020